“Mito” e “Poesia” a partir de Tillich e Heidegger*

Danjone Regina Meira**

RESUMO

Esta pesquisa busca apresentar a interface mito e “Poesia” em sua relação fundamental com a situação humana, a partir do pensamento de Paul Tillich e Martin Heidegger. Para tanto, propomos um diálogo entre a teologia da cultura de Tillich (1886-1965) e a filosofia de Heidegger (1889-1976). Nesse sentido, nós nos voltamos, especialmente, para as obras “Teologia Sistemática” (1951–63), “Dinâmica da Fé” (1957) e “Teologia da cultura” (1959) de Tillich. Assim como, para as obras “Ser e Tempo” (1927), “Hölderlin e a essência da poesia” (1936), “A coisa” (1950), “Poeticamente o homem habita” (1951) e “O que significa pensar?” (1951-1952) de Heidegger. Instauramos aqui, uma análise do problema da existência humana e sua relação primordial com a questão da linguagem. Nessa perspectiva, se destacam a interface mito, religião e linguagem na ontologia de Tillich. Bem como, se enfatizam a relação mito, “Poesia” e existência no pensamento de Heidegger. Assim, a questão da existência e da linguagem são relevantes tanto para a ontologia de Tillich quanto para a ontologia de Heidegger. Por isso, consideramos relevante desenvolvermos um diálogo entre o pensamento de Tillich e Heidegger.

Palavras-chave: Mito. Poesia. Ontologia. Tillich. Heidegger.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

** Doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FA-TEBE). Bacharel em Direito pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4448463E8> E-mail: danjonemeira@usp.br

“MYTH” AND “POETRY” AS FROM TILlich AND HEIDEGGER

ABSTRACT

This research presents myth and “Poetry” interface in its fundamental relationship within human situation, on Paul Tillich and Martin Heidegger thought. A dialogue between Tillich’s theology of culture (1886-1965) and Heidegger’s philosophy (1889-1976) is proposed, especially on the works “Systematic Theology” (1951-63), “Dynamics of the Faith” (1957), and “Theology of Culture” (1959), by Tillich, and “Being and Time” (1927), “Hölderlin and the Essence of Poetry” (1936), “The Thing” (1950), “poetically, Man dwells” (1951), and “What Is Called Thinking?” (1951-1952), by Heidegger. The human problem existence is proposed and analyzed regarding its primordial relationship with the question of language. From this perspective, myth, religion, and language interface in Tillich’s ontology, as well as the relation between myth, “Poetry”, and existence in Heidegger’s thought, are emphasized, for the question of existence and language are relevant both to Tillich’s ontology and to Heidegger’s ontology. Therefore, it’s considered relevant to develop a dialogue between Tillich and Heidegger’s thought.

Keywords: Myth. Poetry. Ontology. Tillich. Heidegger.

Introdução

Nesta pesquisa procuramos apresentar um diálogo entre o pensamento de Tillich e Heidegger acerca da questão do mito e da “Poesia”. Não há nestes pensadores um estudo aprofundado do mito, mas ambos destacam em suas perspectivas filosóficas, características importantes acerca do sentido do mito. A questão do mito se apresenta na dimensão do pensamento de Paul Tillich (1886-1965), especialmente, em suas obras “Dinâmica da fé” (1957) e “Teologia sistemática” (1951-63). Vamos expor algumas características importantes do sentido do mito presentes nestes dois escritos, buscando dialogar quando possível com o escrito “Teologia da cultura” (1959).

Sobre a “Poesia”, veremos que em Martin Heidegger (1889-1976) se apresenta uma concepção especial sobre o “poético” na história, que ele delimita no âmbito da “história do Ser”. Já na obra de Tillich, podemos destacar a relação entre o significado da experiência religiosa e

a poesia. Nessa perspectiva, é importante destacarmos que não há uma preocupação em Tillich de um aprofundamento sobre a dimensão do poético. O cerne do pensamento de Tillich nesse contexto é a preocupação última da existência e suas expressões na linguagem simbólica, no caso: o mito, a poesia, etc.

Tendo essas considerações em vista, destacamos os aspectos centrais do “mito” e “Poesia” no pensamento de Tillich e Heidegger, pois, consideramos uma temática relevante para se pensar sobre a “questão da existência” nesses pensadores, seja na dimensão simbólica da experiência religiosa, no caso de Tillich, ou na perspectiva ontológica poética de Heidegger.

Se devemos pôr em descoberto os caracteres ontológicos do mito e da “Poesia”, isto deverá ser demonstrado no campo de visão da investigação ontológica. Mas, não uma investigação propriamente da “ontologia fundamental”. Visto que, após a década de 30 na filosofia de Heidegger, a investigação ontológica do “ser-aí” (Dasein) se demonstra numa relação fundamental com a “Poesia” (Dichtung). Por isso, reconhecemos esse outro momento da ontologia de Heidegger, enquanto uma “ontologia poética”¹, que considera a relação entre arte, “Poesia”, linguagem, existência e “Ser”. Devemos lembrar que em “Ser e Tempo” (1927), Heidegger já tratara sobre a questão da linguagem e a sua relação com a cotidianidade do “ser-aí” (Dasein), de modo introdutório nesta obra-prima. Mas, somente após a “virada” (Kehre) no seu pensamento, realizada a partida da década de 30, vemos esse voltar de Heidegger para a questão da linguagem como a “morada do Ser”², quando o filósofo abandona a ontologia fundamental e pergunta pelo “Ser” através da essência da linguagem.

É importante ressaltarmos que o curso de Hölderlin de 1936 se caracterizou como o início da investigação ontológica do sentido da “Dichtung” (Poesia) na filosofia de Heidegger. A essência da “Poesia” se torna central na filosofia de Heidegger, após a “virada”. A partir disso, a “questão do Ser” se apresenta pela perspectiva ontológica po-

¹ Acerca disso, há também o artigo de minha autoria:
<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/6417>

² Conforme “Carta sobre o humanismo” (1946). HEIDEGGER, Martin. Carta Sobre o Humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

ética. Nesse sentido, a essência da “Poesia” se impõe como tarefa do pensamento para a busca ou o “estar a caminho” da “verdade do Ser”. Visto que, a questão da “verdade do Ser” requer um pensar meditativo sobre a essência da linguagem e de todos os entes, especialmente, do único ente que pode compreender a essência da linguagem: o homem.

Verifica-se, no horizonte da ontologia de Heidegger, que os fundamentos ontológicos do “Dasein” (ser-aí) já haviam sido tratados em “O conceito de tempo” (1924) e, de modo mais primordial em “Ser e Tempo” (1927). No entanto, é a partir do curso de Hölderlin, que a compreensão do “Dasein” se apresenta sob um novo viés. Trata-se da caracterização do “Dasein” como o portador da palavra. Assim, a determinação do “ser-aí” como “ser-para-a-palavra”, faz irromper a questão da essência da linguagem no horizonte da “questão do Ser”.

Diante disso, propomos apresentar uma análise da relação entre “Mito” e “Poesia” (Dichtung) na ontologia de Heidegger e no pensamento de Tillich. Entendemos que o diálogo entre o mito e a “Poesia”, em Heidegger, se revela especialmente em sua noção de “quadratura” (céu, terra, divino e mortal). Tendo como influência fundamental a poesia de Hölderlin. Também, destacaremos que a interface “Mito” e “Poesia” no horizonte daquilo que denominamos “ontologia poética”, tem como fundamento a “questão do Ser” (Seinsfrage) e seus modos de “acontecimento”. Com isso, nosso propósito fundamental é enfatizar, a partir da interface “Mito” e “Poesia”, a linguagem em sua essência poética que acontece também de modo originário no contexto do mito em sua essência.

O que instauramos aqui, é uma tarefa difícil para o pensamento, quando nós nos voltamos para a dimensão da ontologia de Heidegger e do pensamento de Tillich. Pensar o mito em diálogo com a obra de Heidegger e Tillich constitui, portanto, um desafio nesta pesquisa. Porque tais pensadores não apresentam uma análise profunda do mito em suas obras. No caso de Heidegger, o filósofo expõe análises extensas de poesias que anunciam o caráter do mito, como, por exemplo, o mito de “Édipo Rei” de Sófocles, apresentado na filosofia de Heidegger em sua obra “Introdução à metafísica” (1935). Nessa perspectiva, apenas para elucidarmos, as obras principais em que Heidegger define a questão do mito em sua relação com a “Poesia” são: “Hölderlins Hymne

‘Der Ister’” (“Hinos de Hölderlin ‘O Istro’” de 1942), e “Was Heisst Denken?” (“Que significa pensar?” de 1951-1952), retornaremos a esta questão mais adiante. Buscaremos apresentar algumas características.

Iniciaremos esta pesquisa, ressaltando alguns aspectos metodológicos do pensamento de Heidegger e vamos nos familiarizar com alguns dos termos fundamentais do autor, em expressões alemãs, ao longo do texto. Precisamos mencionar neste artigo também, por exemplo, a diferença fundamental que há na filosofia de Heidegger entre “Poesie” e “Dichtung”. Tais palavras podem ser traduzidas como “poesia”. No entanto, como sabemos, na literatura de Heidegger, “Poesie” se refere à poesia enquanto um dos modos de arte, ou seja, num sentido estrito. E “Dichtung” se manifesta como “Poesia” num sentido abrangente, ou seja, enquanto o poético, presente em toda e qualquer arte.

Outro aspecto que necessitamos mencionar aqui, é a diferença entre “Historie” e “Geschichte”, visto que tais palavras alemãs podem ser traduzidas como “história”. Porém, em Heidegger “Historie” seria demonstrada como a história, no sentido do tempo cronológico, e “Geschichte”, seria a história em sua essência, na sua relação exclusiva com o acontecimento do “Ser” (acontecimento apropriativo³), porque a existência é exclusivamente histórica.

1. Mito e existência

Em “Dinâmica da fé”, no seu capítulo primeiro, Tillich apresenta a definição da fé em sua relação fundamental com as experiências últimas da existência. Afirmar Tillich: “Fé, por isso, não tange somente o espírito ou apenas a alma ou exclusivamente a vitalidade, e sim ela é a orientação da pessoa inteira em direção ao incondicional”⁴. Nesse sentido, a fé é o estado de ser preocupado de forma última. É importante destacarmos que a fé transcende a racionalidade e a emoção em Tillich. A dinâmica da fé manifesta uma superação entre a subjetividade e a objetividade da existência, apontando através da linguagem simbólica para a pergunta pelo incondicionado.

³ O acontecimento apropriativo se refere ao termo alemão “Ereignis” em Heidegger, que surge, especialmente, após a “virada” indicando os modos de acontecimento do Ser na história.

⁴ TILLICH, Paul. Dinâmica da Fé. 3a ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p.69.

Pensando sobre o sentido do mito, podemos considerar que o mito expõe a experiência religiosa de modo fundamental. O mito demonstra, então, uma relação com aquilo que preocupa o homem de forma última e exclusiva. Há no mito a experiência religiosa. Conforme Tillich, a preocupação religiosa “é última, incondicional, total e infinita”⁵. O teólogo destaca, neste contexto, que o sentido da palavra “preocupação” aponta para o caráter existencial da experiência religiosa. Tendo isso em vista, destacamos que o caráter existencial está, de modo especial, presente também no mito através da linguagem simbólica. Visto que as narrativas míticas narram em suas experiências religiosas a própria questão da existência, da formação do mundo e da história da humanidade.

Em “Teologia sistemática”, Tillich considera o mito como expressão da profundidade da razão em forma simbólica. O mito apresenta a função reveladora na existência e é suscitado pela própria razão quando pergunta pela revelação. Segundo Tillich:

a profundidade da razão é aquela característica da razão que explica duas funções da mente humana, o mito e o culto, cujo caráter racional não se pode afirmar nem negar, porque apresentam uma estrutura independente que não pode ser reduzida a outras funções da razão nem ser derivada de elementos psicológicos ou sociológicos pré-rationais. O mito não é ciência primitiva⁶.

O conteúdo do mito manifesta elementos que transcendem a ciência, elementos da revelação que demonstram a preocupação última. Tais elementos estão presentes implicitamente na razão. Tillich nomeia esse acontecimento de: profundidade da razão⁷.

Assim, vemos que a preocupação última se expressa na linguagem simbólica, visto que a linguagem simbólica é o caminho da experiência para se expressar a realidade última da existência. Os mitos, nessa perspectiva, se demonstram como linguagem e narrativa mediante a qual os símbolos últimos são comunicados. Com base no símbolo e no mito, a fé é manifesta ontologicamente na vida e na moralidade do indivíduo. Desse modo, na dinâmica da fé, da preocupação última do

⁵ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.29.

⁶ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.93.

⁷ *Idem*

ser humano, se expõe a realidade última como significando a própria realidade. Nesse sentido, o tipo ontológico da fé é universal, sacramental e presente em todas as formas de religiões, inclusive, na experiência religiosa do mito.

No contexto da dinâmica da fé e existência, o teólogo relaciona os símbolos com os modos de ser dos mitos através da dimensão da linguagem.

Conforme Tillich:

O material da pergunta existencial é tomado da totalidade da experiência humana e de suas múltiplas formas de expressão. Refere-se ao passado e ao presente, à linguagem popular e à linguagem literária, à arte e à filosofia, à ciência e à psicologia. Refere-se ao mito à liturgia, às tradições religiosas e às experiências atuais. Tudo isso, na medida em que reflete a condição existencial do ser humano, constitui o material sem a ajuda do qual não é possível formular a pergunta existencial.⁸

Em “A realidade de Deus”, tópico presente no volume um da sua obra “Teologia sistemática”, quando Tillich expõe sobre o sentido de “Deus”, enfatiza a relação substancial que há entre “Deus” e a preocupação última do ser humano. Isto caracteriza que a relação do homem com o divino se dá através do apelo do incondicionado na existência. Em face disso, podemos destacar a interface mito, existência e “preocupação última”. Assinala Tillich que: “tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última se torna deus para ele”⁹. Compreendemos, então, que há também na narrativa mítica, como por exemplo, os mitos da mitologia greco-romana, a exposição ontológica da “preocupação última” em suas respectivas significações do sentido de “deus”.

Mas, o que vem a significar “estar preocupado de forma última”? Para Tillich, isto caracteriza que a experiência com o incondicionado transcende toda a preocupação preliminar, finita e concreta. Transcende a dimensão existencial da finitude para estar em face da resposta exclusiva à pergunta inerente na finitude, tais como: o que é a morte? O que eu sou? Há Deus? São, de fato, as mesmas perguntas presentes nas narrativas míticas. Por isso podemos pensar também que a experiência

⁸ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.310.

⁹ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.219.

religiosa presente no mito tem o caráter do “transcendente”, de forma que é uma experiência especial na história. Aponta para além da finitude e expõe em suas narrativas o sentido último da realidade.

Vemos com isso uma das características da definição de Tillich sobre o significado da experiência transcendente entre o ser humano e “Deus” que se manifesta na história. Pensando um pouco mais sobre a dimensão desta experiência, ressaltamos que, conforme o teólogo, há a exigência existencial de um deus em sua concretude, a presença de um deus com quem o ser humano possa historicamente se relacionar. Por isso, vemos nas narrativas míticas a presença dos deuses como seres que mantêm relações pessoais com os homens, suas metamorfoses ao longo da história. As imagens mitológicas se referem à um “deus” pessoal na história. Assim, “um Deus pessoal indica o caráter concreto da preocupação última do ser humano”¹⁰. Sobre a dimensão da preocupação última, Tillich destaca que esta preocupação não é só concreta, mas também última, e isto aponta para um outro elemento das imagens mitológicas. Os deuses são, ao mesmo tempo, subpessoais e suprapessoais¹¹.

Isso se demonstra na experiência religiosa enquanto o caráter absoluto dos deuses. Enquanto manifestação da preocupação última do ser humano, o mito expressa a preocupação que transcende o abismo entre subjetividade e objetividade. Pois, coloca em evidência a unidade na diversidade presente na relação entre o divino e o ser humano.

Um outro aspecto importante é que a relação entre o ser humano e os deuses, como vimos, é existencial. Nesse sentido, o ser humano só pode falar dos deuses, em suas poesias, nas artes visuais, e em todas as expressões, a partir de sua relação substancial com o divino. Nesse contexto, Tillich ressaltava que “toda concepção de Deus revela pressupostos ontológicos”¹², pois se desenvolve nessa relação de tensão existencial do homem com a experiência de preocupação última. Pensando sobre a dimensão do caráter ontológico da concepção de “Deus”, o teólogo destaca que “todo conceito ontológico tem, como seu pano de fundo,

¹⁰ *Idem*

¹¹ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.230.

¹² TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.229.

uma manifestação típica da preocupação última do ser humano”¹³. Assim, o conceito ontológico da “existência” e da “questão do ser” aponta para o desvelamento da preocupação última na linguagem.

Destacamos com isso, que pelo fato das narrativas míticas indicarem a pergunta também pelo divino, há também no mito “pressupostos ontológicos” que instauram a pergunta pela preocupação última da existência. O mito e a poesia expõem também que todo o ser humano participa conscientemente da estrutura do ser. A expressão simbólica presente no mito e na poesia transforma aquilo que exprime através da linguagem, pois possuem o fundamento transcendente que lhes conferiu profundidade, unidade e sentido último.

O caráter da dimensão poética e sua relação fundamental com o pensar sobre a “existência”, é destacado por Tillich, da seguinte forma: “as análises existencialistas mais penetrantes foram feitas por romancistas, poetas e pintores”¹⁴. Tanto a poesia como o mito são expressões simbólicas da vida espiritual do homem. Visto que a dimensão religiosa é inerente à existência. Com isso vemos a interface, mito, religião e existência, que tem como base a linguagem em Tillich. A linguagem em sua dimensão simbólica que aponta para algo além do que se exprime, para o incondicionado. A linguagem religiosa expressa o sentido último da existência. Assinala Tillich:

Quando dizemos que a religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Portanto, a religião é a dimensão da profundidade presente em todas as funções do espírito humano.¹⁵

A linguagem religiosa é simbólica, porque, em Tillich o símbolo indica a expressão máxima da dimensão da experiência religiosa na existência, pois aponta para o transcendente.

No contexto da filosofia de Heidegger, podemos destacar a sua obra-prima “Ser e Tempo” (1927), onde o filósofo alemão expõe a sua “ontologia fundamental”. A questão importante que é o fundamento de toda a dimensão da sua filosofia é: a “questão do Ser”. Antes de aden-

¹³ *Idem*

¹⁴ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.322.

¹⁵ TILLICH, Paul. Teologia da cultura. 18ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p.42.

trarmos na questão do “mito” e “existência” em Heidegger, precisamos elucidar alguns aspectos centrais sobre a dimensão da “pergunta pelo Ser” em sua obra. Nesse sentido, Heidegger apresenta no século XX uma perspectiva ontológica para refletir todos os problemas fundamentais da filosofia. Instaura a “questão do Ser” como tarefa do pensamento. É importante ressaltar que, o autor segue um caminho hermenêutico-fenomenológico também, assim como Tillich em sua ontologia, para pensar essencialmente a “questão do Ser”. Assim, a fenomenologia se apresenta como método em sua trajetória filosófica.

O método fenomenológico em Heidegger é enfatizado na sua filosofia, que se encontra a caminho do Ser. Nesse sentido, a concepção heideggeriana de fenomenologia se expõe, de forma inaugural, no §7º da obra “Ser e Tempo”. A esse respeito afirma Heidegger:

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento. Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica do Dasein, a qual, como analítica da existência, fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele surge e para onde ele retorna.¹⁶

É importante ressaltarmos que mesmo após “Ser e tempo”, o filósofo segue com a sua perspectiva fenomenológica na sua ontologia. Também após o surgimento da “virada” (*Kehre*)¹⁷ em sua filosofia. A virada, que ocorreu em meados da década de 30, se caracteriza como um marco na filosofia de Heidegger. Quando o pensador alemão se

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p. 129.

¹⁷ O termo somente seja cunhado em 1936. A divisão mais aceita no âmbito do pensar heideggeriano tem como “dobradiça” a *Kehre*, ou seja, a “viragem”, “viravolta” ou “virada”, momento em que ocorre o “abandono da formulação existencial-ontológica da pergunta pelo ser e a sua substituição pela formulação acontecencial-ontológica”. De uma abordagem centrada no questionamento do sentido do ser a partir de uma analítica da existencialidade da existência, Heidegger passa a investigar a questão do ser (*Seinsfrage*) segundo suas acontecimentos na metafísica ocidental, vale dizer, segundo a história do ser (*Seinsgeschichte*). Além disso, há uma clara mudança terminológica na metodologia empregada: Heidegger abandona progressivamente o termo “fenomenologia”, passando a referir-se a um “pensar” (*denken*). (Cf. TUTIKIAN, Cristiano (org.). *Olhares sobre o público e o privado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p.219).

volta para a questão da verdade do Ser em sua relação primordial com a questão da linguagem em sua essência. Em que o problema do “esquecimento do Ser” se demonstra também como um problema acerca da pergunta pela essência da linguagem. Nesse sentido, é importante destacar dois aspectos centrais: 1) o problema do esquecimento do Ser está relacionado ao problema da “história” e 2) a pergunta pela “verdade do Ser” é a pergunta fundamental que se dá através da pergunta pela essência da linguagem.

Com isso, ressaltamos, que o caminho hermenêutico de Heidegger assume a perspectiva do “voltar à essência das coisas”, instituindo a fenomenologia como método de toda a sua ontologia, seja na época de “Ser e tempo” ou na época após a “virada” (Kehre). A partir disso, o filósofo pergunta pela essência da “verdade do Ser” e pela essência da linguagem, mediante uma perspectiva fenomenológica que questiona o “como” das coisas. Nesse sentido, Heidegger instaura a questão: “o que é o Ser (Sein)?”; “o que é a existência (Dasein)?”; “o que é a linguagem (Sprache)?”; e, assim, segue em todas as suas questões filosóficas. Isso caracteriza a tarefa do pensamento que se volta para a essência das questões filosóficas e existenciais.

O método que Heidegger emprega em sua ontologia é extremamente importante para compreendermos em que momento a “questão do mito” é mencionada na filosofia de Heidegger. **É a partir do aspecto hermenêutico-fenomenológico que se instaura** primeiramente e exclusivamente a “questão do Ser”. Por isso, na primeira parte de “Ser e Tempo”, Heidegger pensa o “Ser” a partir da existência, ou seja, o homem. A existência é manifesta no “ser-aí” (Dasein), o “ser-lançado no mundo”. Tendo como base o problema do “Dasein” em sua relação substancial com a finitude, Heidegger procura colocar de modo fundamental a pergunta pelo “Ser”. E, ao longo, de sua filosofia, expõe a diferença ontológica crucial entre o “Ser” e o “ente”, entre o “Ser” e o “ser-aí”.

Todos os entes são em sua diferença ontológica em face do “Ser”, no entanto, o homem, enquanto um ente privilegiado, é mediante a linguagem. Conforme veremos, a existência se realiza temporalmente na história mediante a “palavra”. Essa é uma característica fundamental do “ser-aí” (Dasein), que o institui como um ente privilegiado em face

dos demais entes. Porque, é somente o homem que detém a linguagem. E, nesse sentido, a linguagem em sua essência poética **é o caminho para a escuta do apelo do “Ser”**.

Observamos aqui, que a existência possui um sentido, a existência é no tempo. Desse modo, o “ser-aí” é essencialmente temporal; essencialmente histórico. E por meio da linguagem, o “ser-aí” institui significado no mundo, se relaciona com os demais entes, os convoca e os nomeia pela palavra. Assim, o foi, desde o princípio, tendo como exemplo, o mito, que é visto como um fundamento de sociedades consideradas primitivas. Pela palavra, tais sociedades conferem ordem e sentido ao “cosmos”¹⁸ (mundo) e compreendem a totalidade das coisas.

A partir disso, podemos destacar que, um dos fatores do surgimento do mito, se dá porque o “ser-aí” histórico é um “ser-para-o-diálogo”. Nas palavras de Heidegger: “Nós os homens somos palavra-em-diálogo”¹⁹. Tem, então, como primado a linguagem. Com isso, o mito surge, principalmente, mediante a linguagem. No entanto, conforme veremos, não é a qualquer modo de ser da linguagem que nos referimos aqui. Mas, à linguagem em sua essência.

A **essência do “ser-aí” se funda na “palavra”**. Com base nisso, entendemos que o mito consagra o tempo, através da palavra poética. O próprio mito em sua essência é “palavra”. Pois, o homem funda o mito pela instauração da palavra poética. O caminho que conduz **à pergunta fundamental pelo “Ser”, passa, fundamentalmente, pelo problema do “Dasein” em sua finitude**. Pois, somente o “ser-aí” em sua existência constituída de finitude, pode instaurar a pergunta pelo “Ser”, através da palavra em sua essência.

Nesse sentido, podemos refletir desta forma a partir da ontologia de Heidegger que o mito expõe essencialmente a finitude do homem, a presença dos deuses, o mistério da terra e do céu. Tudo isso é experimentado originariamente no mundo. De modo inaugural o mito é

¹⁸ “O Cosmos é uma ordem na qual inúmeros elementos estão unidos entre si, segundo proporções convenientes” Cf. SPINELLI, Miguel. Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. 3. Ed. Porto Alegre, RS: ediPUCRS, 2012. p.116.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.26. Tal afirmação se apresenta na obra “Hölderlin und das Wesen der Dichtung” (Hölderlin e a essência da poesia), pronunciado em Roma, no ano de 1936.

uma exposição da existência do homem e do problema da finitude. O mito não reflete filosoficamente a existência, mas, expõe e nomeia a existência poeticamente.

Entendemos que a existência instaura a pergunta pelo “Ser” na finitude. O problema central que se destaca aqui é a interface entre o “ser-aí” e o “tempo”. A forma como o homem significa o tempo é primordial para o filósofo para se destacar a essência histórica da existência.

O ser-aí é um ser temporal, como um ser-lançado, em sua dimensão temporal, para o futuro. Desse modo, o ser-aí é um ser para o futuro. Isso constitui a relação entre o “ser-aí”, a finitude, o tempo e o mundo. Pois, diante do mundo, um conjunto de possibilidades, o “ser-aí” enquanto um ser temporal é um ser lançado para a sua possibilidade futura mais extrema: a morte. Assim, o “ser-aí” é um “ser-para-a-morte”. E é justamente a partir da questão existencial da morte que o ser humano pode ver a sua existência como finita e perguntar pela questão mais importante na história: “a questão do Ser”. Com isso vemos que nas narrativas míticas há o fundamento ontológico, pois é a partir da consideração da finitude na existência, do “ser-para-a-morte” no dizer de Heidegger, que o ser humano instaura as questões fundamentais sobre o sentido da vida tão presentes nas exposições míticas.

1.1. Linguagem, mito e poesia

Tillich, em seu escrito “Teologia da cultura” (1959), enfatiza a dimensão profunda da experiência religiosa que se faz presente também no mito. A questão do mito é demonstrada, especialmente, a partir da noção da dimensão religiosa na vida espiritual humana. Diante disso, é importante mencionarmos a presença da relação fundamental entre a cultura e a religião. Para Tillich, todas as manifestações da cultura: mito, filosofia, poesia, arte, política, etc., tem em seu conteúdo a dimensão religiosa.

No caso do mito há uma experiência profunda da situação existencial. Nessa perspectiva, ao analisarmos a obra de Tillich, reconhecemos que a questão do mito e da linguagem pode ser pensada a partir da obra “Teologia da cultura” (1959), destacando-se o aspecto simbólico das narrativas míticas. O mito, em sua linguagem simbólica revela o

incondicionado, a profundidade do significado da existência e do “Ser”. É na própria linguagem presente no mito em que as questões últimas da vida espiritual podem se manifestar. O surgimento das questões últimas acontece na dimensão histórica das decisões fundamentais do ser humano em face do apelo do incondicionado. É, pois, um dos fundamentos da realidade o fato de que a vida espiritual do homem o convoca por meio de símbolos religiosos para crer no “incondicionado”.

As narrativas míticas que se demonstram mediante a linguagem simbólica apontam para o fundamento da religião: o sagrado; no entanto, também, podem fazer aparecer o símbolo “demônico” na história, segundo Tillich. Compreendemos que a presença do símbolo demônico numa determinada narrativa mítica anuncia o caráter de ambiguidade da autotranscendência. Conforme Tillich: “A religião é ambígua e todos os símbolos religiosos podem ser idolatrados, demonizados, elevando-se acima das contingências, embora nada possa ser supremo a não ser o absoluto”²⁰. Com isso, as narrativas míticas expostas nas manifestações da linguagem podem destacar o símbolo demônico, quando os símbolos religiosos são objetos de idolatria ou de demonização nas expressões da linguagem.

Pensemos, nesse momento, o sentido da linguagem simbólica em Tillich. Nos símbolos religiosos há a abertura de níveis de realidade, destacados por Tillich de “dimensão profunda da realidade, fundamento de todas as demais dimensões e de todas as outras profundidades”²¹. Os símbolos religiosos presentes na narrativa mítica, por exemplo, participam do próprio “Ser”. Eles se expressam na experiência da dimensão da profundidade do ser humano, e desaparecem quando a função especial de dimensão da profundidade é perdida. Ou seja, quando se perde a dimensão do sagrado.

Na dimensão profunda da experiência religiosa em face da reivindicação do secular de permanecer autônomo, o teólogo ressalta acerca da separação do mito e do pensamento filosófico:

A filosofia e as ciências, a poesia e as demais artes somente podem aparecer após sua libertação do mito unificador e do estado teônimo de cons-

²⁰ TILLICH, Paul. Teologia da cultura. 2009, p. 110.

²¹ TILLICH, Paul. Teologia da cultura, 2009, p.102.

ciência. Mas, ao adquirirem independência, elas perdem o fundamento transcendente que lhe conferiu profundidade, unidade e sentido último²².

Nesse sentido, se apresentam criações de uma autonomia vazia na história e se evidencia a perda de ser e sentido. O fundamento transcendente concede o significado profundo para todas as expressões humanas. Desse modo, podemos ressaltar o caráter de pertença essencial mútua da religião e cultura, para Tillich. Afirma o teólogo: “a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”²³.

Com isso, quando Tillich expõe algumas características importantes do mito, ele manifesta o propósito de sua teologia da cultura, enquanto

uma tentativa de analisar a teologia subjacente a todas as expressões culturais e de descobrir a preocupação última no fundamento de uma filosofia, de um sistema político, de um estilo artístico, de um conjunto de princípios éticos ou sociais²⁴.

Dessa maneira, o mito é um exemplo de descoberta da preocupação última presente na existência, segundo o pensamento de Tillich. Para pensarmos a interface mito e poesia em Heidegger, se faz necessário, em primeiro lugar, refletir sobre alguns aspectos do surgimento da questão da “palavra” na filosofia de Heidegger. Ao longo deste tópico vamos fazer algumas relações com a questão do mito, a partir da perspectiva ontológica. A “palavra” enquanto fundamento da linguagem, na filosofia de Heidegger, é poética. Podemos, então, a partir disso, pensar o mito em sua essência poética, que se refere também ao lugar privilegiado da “Poesia”, a linguagem. Nos aproximemos, nesse momento, do ensaio de Heidegger “A Palavra” presente em seu escrito “A caminho da linguagem” (1959), e pensemos um pouco mais sobre a questão da “palavra”.

Heidegger inicia o seu ensaio “A Palavra” instaurando a pergunta primordial de Hölderlin em sua elegia “Pão e Vinho” na sexta estrofe, que diz assim: “Por que também estão em silêncio, eles, os antigos e sacros teatros? Por que não mais se alegra a dança consagrada?”²⁵. A

²² TILlich, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.693.

²³ TILlich, Paul. Teología de la cultura y otros ensayos. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1974, p.45.

²⁴ TILlich, Paul. Teologia da cultura, 2009, p. 55.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. A Palavra. In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003, p.173.

partir da poética de Hölderlin, o filósofo inaugura a questão da transformação do sentido da palavra ao longo da história da metafísica. É com a poesia de Hölderlin que Heidegger compreende a relação do “esquecimento do Ser” com a fuga dos deuses na “história do Ser”. Em face disso, conforme veremos, a questão do sagrado e da essência da palavra é importante também para se compreender tanto a questão do “esquecimento do Ser” quanto a “verdade do Ser” e a “verdade do ser dos entes”.

Nesse momento, é importante ressaltarmos o pensamento de Heidegger, a partir da poesia de Hölderlin: “a palavra, no modo em que já foi palavra, perdeu-se do antigo lugar em que deuses apareciam”²⁶. Que lugar é este em que os deuses apareciam? E por que a palavra se perdeu deste antigo lugar? Instaurando estas questões que emanam do próprio pensar filosófico de Heidegger, queremos destacar primeiramente a relação entre o sagrado e o modo de ser originário da palavra.

Por ora, fiquemos com esta indicação. Nos concentremos neste ensaio de Heidegger e nas perspectivas que se abrem para nós a partir de suas considerações principais. Meditando na afirmação de Heidegger, mencionada anteriormente, vemos a ênfase do filósofo no modo de ser originário da palavra e que este modo de ser se perdeu de seu antigo lugar, onde se manifestava a presença dos deuses. Com base nessa consideração, destacamos que Heidegger pensa a essência da palavra a partir da questão do sagrado exposta na poesia romântica de Hölderlin.

Vale ressaltar que tendo em vista a elegia “Pão e vinho”, Heidegger constata que “a proximidade de um deus acontecia na própria saga de um dizer”²⁷. Com isso podemos pensar que a unidade dos quatro: terra, céu, homens e deuses, ou seja, a quadratura, acontece, está em abertura no modo de ser originário da palavra. Onde os deuses se deixam aparecer na própria saga de um dizer. Com isso, não somente os deuses, mas a reunião de todos os entes se deixam aparecer no modo de ser originário da palavra. Essa pertença mútua que se desvela na quadratura, na unidade dos quatro: terra, céu, homens e deuses, acontece na forma do combate que faz desvelar a essência de cada um dos quatro numa

²⁶ *Idem*

²⁷ HEIDEGGER, Martin. A Palavra. In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003, p.173.

intimidade infinita. Assim, a palavra é em sua essência o dito poético, enquanto saga do dizer, que deixa vir à luz às coisas em seu ser.

A quadratura dá um novo significado ao mundo, às coisas, à linguagem e aos homens. Porque, o habitar poético do homem acontece na quadratura. Isto constitui um novo começo poético na história. Em “Construir, habitar e pensar” (1951), o filósofo delimita o sentido da “Poesia” (*Dichtung*) também enquanto “poiesis”, ou seja, como ação poética. O sentido da “Poesia” irrompe, de modo originário, como um “construir” na existência poética. Assim, a partir do fundamento da “Poesia”, Heidegger inaugura uma nova dimensão da existência. Nesse sentido, o “ser-aí” é apresentado no horizonte de sua ontologia como histórico e poético. O que o filósofo se propõe a realizar é a superação de uma perspectiva “metafísica do sujeito”, através, da unidade da existência com a terra, céu e divinos.

Nesta nova perspectiva ontológica, não se busca mais explicar o “ser-aí” exclusivamente pela facticidade da existência, através de características existenciais como “finitude”, “cuidado”, “angústia” e “medo”. Mas se expõe o “ser-aí” a partir da essência da linguagem. Quais são as possibilidades existenciais extremas do “ser-aí” enquanto um ser de linguagem? Em que medida a essência da linguagem delimita a existência? Pensaremos estas questões mais adiante quando destacamos que, para Heidegger, o homem é um “ser-para-o-diálogo” ou “ser-para-a-palavra”.

Tendo isso em vista, Heidegger destaca que a palavra mais antiga que se refere ao poder da palavra, no sentido de “dizer” é o termo “logos”. A partir da proveniência do pensar grego, “logos” vem a significar, nas palavras do filósofo: “a saga do dizer, que num mostrar deixa o ente aparecer em seu ‘é’: ‘há’: ‘dá-se’”²⁸. Vale ressaltar que no §7º de “Ser e Tempo”, Heidegger já havia apresentado a sua compreensão do sentido do “logos”, e após a “virada” expõe a relação do “logos” com a “palavra” neste ensaio “A Palavra”, com base na canção de George, assim como, no escrito “Que significa pensar?”.

O sentido do “logos” se apresenta na relação fundamental com o sentido do “Ser” em geral. Conforme Heidegger, “logos”: “é tanto

28 HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003, p.188.

palavra para o dizer como para o ser, ou seja, para o fazer-se vigor do que é vigente. Dizer e ser, palavra e coisa, pertencem um ao outro num modo velado, pouco pensado e até impensável”²⁹. Nisso se destaca a identidade da essência entre “dizer e ser”, “palavra e coisa”, sob a perspectiva ontológica poética.

Acerca dessa identidade entre “dizer e ser”, “palavra e coisa”, destaca ainda Heidegger:

Todo dizer vigoroso remonta a esse mútuo pertencer de dizer e ser, de palavra e coisa. Ambos, poesia e pensamento, são uma extraordinária saga do dizer, quando se responsabilizam pelo mistério da palavra enquanto o que há de mais digno a se pensar, permanecendo assim articulados na sua afinidade³⁰.

Vamos analisar agora um escrito relevante que explicita, um pouco mais, o que expomos até aqui. No contexto filosófico de Heidegger, irrompe o escrito “Hölderlin e a essência da poesia”³¹. Compostos de uma linguagem essencialmente poética os poemas de Hölderlin trazem para a filosofia heideggeriana, especialmente, a partir dos anos de 1930, uma experiência originária com a “questão do Ser”. Esta experiência é originária, porque “volta-se para a essência das coisas mesmas”, e, além disso, pensa o primado da questão da “verdade do Ser” a partir da linguagem. Com isso, a ontologia tem um novo início, sendo pensada agora como “ontologia poética”. A linguagem consagrada no poeta é aquela capaz de exprimir os próprios fundamentos da perspectiva ontológica, rememorando as palavras fundamentais, tais como “Ser”, “ente”, “essência” e “existência”. Instaura a poesia como o próprio tema de sua poesia.

A linguagem dos poetas é a memória da pergunta pelo “Ser”. Nesse sentido, Hölderlin enquanto o “poeta dos poetas”, expõe em

²⁹ HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003, p.188.

³⁰ HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003, p.189.

³¹ “Hölderlin e a essência da Poesia”. O trabalho “Hölderlin e a essência da Poesia” (“Hölderlin und das Wesen der Dichtung”) foi lido pela primeira vez em Roma, em 2 de abril de 1936, por seu autor; publicado na revista “Das innere Reich” no mesmo ano de 1936. Numa edição separada apareceu em 1937. Em 1944, Heidegger reuniu este trabalho com outro: “Andenken an den Dichter”, sob o título geral de “Erläuterungen zur Hölderlins Dichtung”.

seus poemas, segundo a filosofia de Heidegger, a lembrança da questão já sempre posta em face do homem: a “questão do Ser”. A questão e resposta do que seja a “Poesia” e do que é ser poeta é o acontecer do Ser na história. A cada tempo, a “Poesia” é lembrada nos poemas dos poetas fazendo acontecer a “História” em seu modo mais originário. A partir disso, podemos nos voltar para a pergunta presente no poema “Pão e vinho” de Hölderlin, e enfatizada por Heidegger: “para que poetas em tempo de indigência?”³². A “Poesia” (Dichtung) concretiza uma nova perspectiva do tempo, mediante o acontecimento do Ser na história. Porque a “Poesia” em sua essência não significa uma história particular, mas aponta para a “história” em sua essência. Assim, vemos, que a essência da “Poesia” é histórica. Conforme vimos no escrito “A origem da obra de arte”, a arte enquanto “Poesia” (Dichtung) é em sua essência histórica. Desse modo arte e “Poesia” são modos do acontecer da “verdade do Ser” na “história” universal.

Nesse sentido, é que vamos pensar o mito, enquanto um acontecimento fundamental na história. Na obra “Hinos de Hölderlin”, Heidegger destaca o fato essencial da obra de Hölderlin anunciar um novo começo na história, a partir de uma fundação mais originária do modo de ser histórico. “Aquela História que se inicia com a luta pela decisão sobre a vinda ou a fuga do deus”³³, afirma Heidegger.

A vinda ou a fuga do deus se caracterizam como acontecimentos do “Ser” na história, diretamente relacionados com a realização ou não da linguagem poética. Veremos isto, mais adiante. No momento, nos voltemos, primeiramente, para a análise da poesia de Hölderlin presente no escrito “Hölderlin e a essência da poesia”.

Nessa perspectiva, as “cinco sentenças por guia” expostas na obra “Hölderlin e a essência da poesia”, conforme veremos, nos direcionam para a relação fundamental entre “ser-aí” (Dasein), “História” (Geschichte), “poesia” (Poesie), “Poesia” (Dichtung), linguagem (Sprache) e “questão do Ser” (Seinsfrage). Em que medida esta relação nos remete para uma compreensão da essência da “Poesia” (Dichtung)? Em primei-

³² HEIDEGGER, Martin. Para que poetas? In: HEIDEGGER, Martin. Sendas perdidas: Holzwege. Tradução de Jose Rovira Armengol. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1979, p.222.

³³ Heidegger, Martin. Hinos de Hölderlin. Tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004, p.9.

ro lugar, se faz importante analisarmos cada uma das “sentenças-guia” apresentadas por Heidegger:

1. ‘Fazer poesia: *“Esta tarefa, dentre todas a mais inocente”* (III, 377).
2. ‘*Para este fim se deu ao Homem: o mais perigoso dos bens: a linguagem, para que dê testemunho do que ele é*’ (IV, 246).
3. ‘*Muitas coisas tem experimentado o Homem; há muitas celestiais tem dado já nome. Desde que somos Palavra-em-diálogo e podemos ouvir uns aos outros*’ (IV, 343).
4. ‘*Põe os Poetas o fundamento do permanente*’ (IV, 63).
5. ‘*Repleto está de méritos o Homem; mas não por eles mas pela Poesia fazer desta terra sua morada*’ (IV, 25).³⁴

Começaremos a analisar a partir das considerações heideggerianas, os aspectos centrais destes versos de Hölderlin. Heidegger se volta para a poesia de Hölderlin com o propósito de desenvolver a “questão do Ser” a partir da questão da essência da linguagem, ou seja, a “Poesia” (Dichtung). Há, então, uma perspectiva ontológica poética. O fundamental da essência da “verdade do Ser” conduz o pensador para tomar a decisão de levar a sério a “Poesia” (Dichtung). A “questão do Ser” está diretamente ligada à pergunta pela essência da “Poesia” (Dichtung).

Nesse sentido, a poesia de Hölderlin tem a decisão fundamental e poética de poetizar sobre a essência da “Poesia”. Para Heidegger, nela irrompe a questão da linguagem poética como horizonte ontológico para a “questão do Ser”. A poesia de Hölderlin apresenta a determinação poética e fundamental. Sua poesia se coloca a caminho do “Ser”.

Isto se dá, segundo Heidegger, “única e exclusivamente porque a poesia de Hölderlin mantém constante a determinação poética de poetizar sobre a essência da Poesia. [...] Por isto nos põe em transe de decisão”³⁵. É nesse contexto que Heidegger procura meditar sobre as cinco sentenças-guia do poeta acerca da essência da “Poesia”. A pergunta que irrompe, neste momento, é: o que é a “Poesia”? Buscaremos, responder, a partir da análise de Heidegger. Observando a primeira sentença-guia, pensamos na tarefa da “poesia” (Poesie). Hölderlin a

³⁴ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.17.

³⁵ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.20.

constitui como a tarefa mais inocente do homem. Heidegger, então, questiona: “Como e até que ponto é a mais inocente das tarefas?”³⁶. Com essa pergunta, pensamos sobre a natureza da “Poesia” (Dichtung) e o seu modo de ser na história. O que a “poesia” anuncia? Qual o seu destino? A “poesia” enquanto essencialmente poética (Dichtung) se revela como ação na existência histórica. Uma ação, no sentido, de dito poético, que nomeia o “ser” do homem e as coisas.

Na segunda sentença-guia, entendemos que, Heidegger indica na poesia de Hölderlin a essência do “ser-aí” e a essência da linguagem poética. Aos mortais tem sido dado, semelhante aos deuses, o dom de ordenar e executar através do dito poético. A palavra é, então, o mais perigoso dos bens. Porque, através dela, os homens podem criar e destruir a realidade, fazer perecer as coisas ou devolve-las à sua plenitude: a terra. Nesse sentido, é pela palavra que o homem pode lembrar o “Ser”, ou deixá-lo em seu esquecimento.

A palavra, enquanto o mais perigoso dos bens, pode criar ou destruir. Desse modo, a palavra sendo usada pelo homem para instrumentalizar a natureza e os entes, se revela, especialmente, na “época moderna” ou “era da técnica”, no dizer de Heidegger.

O filósofo institui três questões primordiais, nesse momento: “1. De quem é este bem da Palavra? 2. Como e até que ponto é o mais perigoso dos bens? 3. Em que sentido é sobretudo um bem?”³⁷. Meditando a partir dessas questões ontológicas de Heidegger, podemos refletir acerca da fundação da “palavra” na existência. A “palavra” surge no homem como um “bem”. Um dom que ultrapassa a própria existência, transcendendo o tempo e o espaço determinado do homem, através da instauração de um “dito”. Nessa perspectiva, a “palavra” na existência, quando se revela como dito, se caracteriza enquanto “decisão” na história. Transcendendo assim todo o tempo e espaço determinado do momento em que foi pronunciada. Isso constitui o perigo da palavra: o seu poder de decisão na história. Ela representa, assim, um acontecimento da “história do ser”. Assim sendo, a palavra, enquanto dito, não

³⁶ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.21.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.22.

é um acontecimento particular, mas um acontecimento universal. É um acontecer único que extrapola a sua época, pois se consagra na história.

Quando se fala, “*se deu ao homem o mais perigoso dos bens*”, pensamos também na essência do “ser-aí” (Dasein). Porque, é mediante o poético que a existência alcança o sentido. Desse modo, a “Poesia”, que emana, primeiramente, como palavra, diz quem é o “Dasein”, fala da essência da existência. Podemos, então, afirmar: a linguagem enquanto “Poesia” (Dichtung) diz quem é o “Dasein”, fala da essência da existência. Sobre isso, assinala Heidegger: “No projeto para uma poesia que fará do dizer quem é o homem, em contraposição com os demais seres da natureza; e entre eles se nomeia [...] os cisnes, o cervo no bosque (IV, 300 y 385)”³⁸. Desse modo, o sentido do homem surge a partir da dimensão do poético.

Ao anunciar quem é o homem, por meio do dito poético, o poético presente na “poesia” anuncia a diferença ontológica, entre o ente e o “Ser”, e entre o “ser-aí” e os demais entes. A diferença ontológica se clarifica, nesse sentido, através da essência da linguagem. É nesse horizonte filosófico de Heidegger, que compreendemos que a “ontologia poética” refaz a pergunta pela essência do homem, ou seja, pelo “ser-aí” (Dasein). E isso, de um modo diferente da ontologia fundamental. Porque, na perspectiva da ontologia poética, Heidegger não pergunta pelo “ser-aí” pensando a partir do tempo, em primeiro lugar. Mas, sim, através da “palavra”. Podemos pensar, então, na questão primordial: “quem é o homem como “palavra”?; “quem é o homem enquanto ‘logos’?”

Nessa perspectiva, ao analisar a poesia na existência grega, Heidegger afirma:

Se nós agora ou mais tarde prestamos atenção às palavras da língua grega, penetramos numa esfera privilegiada. Lentamente vislumbramos em nossa reflexão que a língua grega não é uma simples língua como as europeias que conhecemos. A língua grega, e somente ela, é *lógos*. Disto ainda deveremos tratar ainda mais profundamente em nossas discussões. Para o momento sirva a indicação: o que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, simultaneamente aquilo que em dizendo se nomeia.³⁹

³⁸ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.22.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.31.

A partir dessa afirmação, compreendemos a relevância do “logos” da existência grega, para a compreensão da linguagem e da “Poesia” (*Dichtung*) em Heidegger. Porque o “logos” grego instaura o sentido da linguagem enquanto dito poético. Prosseguindo em nossa análise da poesia de Hölderlin, vale ressaltar as palavras de Heidegger, o homem é “um ser que há de dar testemunho do que é. Testemunhar significa, por uma parte, declarar; e, por outra, manter as declarações. O Homem é o que é, precisamente ao dar e por dar testemunho de sua própria realidade de verdade (*Dasein*)”⁴⁰.

O homem enquanto ser de linguagem, é também um ente privilegiado, porque dá testemunho de todas as coisas, da totalidade da quadratura: terra, céu, deuses e homens. O seu pronunciamento pelo dito poético abrange a história. A palavra, então, constitui a íntegra e própria realidade do homem. Segundo Heidegger, “apenas quando a linguagem do homem historial emana da palavra, está ela inserida no destino que lhe foi traçado”⁴¹. Verificamos, então, que em “Ser e Tempo”, obra consagrada como ontologia que explicita o fundamento do homem, Heidegger institui um aspecto da existência: o homem é temporal; o homem é histórico. Após a virada de seu pensamento, o filósofo não abandona esta compreensão, mas, vai além, na compreensão da realidade do homem, e instaura um fundamento mais essencial: o homem é, em sua essência, linguagem.

Porém, pergunta Heidegger:

o que é que deve testemunhar o homem? Sua pertença à Terra. E consiste tal pertença em que o Homem é o herdeiro de todas as coisas, e aprendiz de todas. Mas as coisas se mantêm em Combate.⁴²

O testemunho do homem de sua pertença ao ente em conjunto, especialmente, à terra, ao céu, aos deuses, constitui o acontecimento mesmo da história. E, para que a história resulte possível, se tem concedido ao homem a “palavra”.

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.22.

⁴¹ HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. p.71.

⁴² HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.23.

O poeta é o próprio anunciador do poético, que convoca as pessoas para a decisão poética de habitar poeticamente. O habitar poético é aquele que ouve o apelo do “Ser”. Nesse sentido, para Heidegger o habitar poético é apresentado na quadratura, na unidade dos quatros, terra, céu, deuses e homens. Nessa unidade dos quatro que o homem habita poeticamente e pode estar em proximidade com a verdade do “Ser”. No poeta se manifesta a linguagem em sua essência. Ele institui a tarefa de pensar a verdade do “Ser” mediante o poético de sua poesia. Assim, o poeta anuncia o sagrado na sua poesia, anuncia a presença e a ausência dos deuses. Manifesta a unidade dos quatros na sua arte poética.

Com isso, vemos que o habitar poético acontece essencialmente na arte. A arte destaca a relação fundamental que há entre “Ser” e “Tempo”. Visto que, essencialmente, a arte no seu tempo, manifesta o desvelamento do “Ser” na história. Isso é um acontecimento primordial que marca a história, e revela a decisão de um povo.

O mito enquanto manifestação artística também é o desvelamento da “verdade do Ser” em seu tempo. Nesse sentido, o mito irrompe a questão do “Ser” e do “tempo” de modo inaugural em cada acontecimento da história. O mito manifesta a decisão poética de um povo na história. A decisão fundamental de um povo de anunciar pela palavra poética a sua essência. Desse modo, aquilo que o poeta nomeia no mito é a decisão poética de habitar na unidade dos quatro: terra, céu, deuses e homens, ou seja, de habitar poeticamente.

A partir disso, se irrompe a interface “mito” e “sagrado”. Sendo o mito o anunciador do sagrado, ele convoca para a unidade dos quatro, para a morada do “Ser”. Como vimos, o mito é o anunciador do sagrado pela palavra poética. Tal palavra ou dito é poético e inaugural na história. Se caracterizando como um evento primordial. Em diálogo com a filosofia de Heidegger, vemos que o acontecimento (Ereignis) é um marco na história (Geschichte). É um acontecimento especial que anuncia a presença dos deuses em sua unidade com a terra, céu e mortais. Por isso, o mito se caracteriza, então, como um acontecimento na história.

Podemos perguntar, nesse momento, o que é o mito em sua essência? Empreendendo o caminho hermenêutico-fenomenológico, nos questionamos pelo “isto” e pelo “como” do mito. Esse modo de perguntar caracteriza o pensar fundamental de Heidegger, enquanto meditação.

Entendemos que o mito é também a “palavra”, a “palavra” acontecendo em toda a sua essência poética. Nesse sentido, enfatiza Heidegger em seu escrito “Was Heisst Denken?”⁴³ (Que significa pensar?):

O mito significa: a palavra que diz. E dizer é para os gregos: tornar manifesto, fazer aparecer e, especificamente, manifestar-se e aparecer e o que adquire presença no aparecimento, na sua epifania. *Mithos* é o que está presente em uma lenda: o que aparece na revelação de sua exigência. *Mithos* é o requisito que afeta toda a essência humana antes e a partir de sua base, um requisito que nos permite pensar sobre o que aparece, o que vem a ser instalado na presença. *Logos* diz o mesmo. *Mithos* e *logos*, contrariamente ao que opina a usual história da filosofia, de nenhuma maneira chegam a opor-se por causa da filosofia como tal; em vez disso, os primeiros pensadores da Grécia (Parmênides, fr. 8) usam esses termos com o mesmo significado. *Mithos* e *logos* são divididos e opostos pela primeira vez, ali onde nem um e nem o outro podem conservar sua essência inicial. Isso já ocorreu em Platão. Acreditar que o mito foi destruído pelo *logos* é um preconceito da história e da filologia, um preconceito que, com base no platonismo, eles tiraram do racionalismo moderno. O religioso nunca é destruído pela lógica, só acontece pelo fato de Deus se retirar.⁴⁴

O mito é em sua essência “Poesia” (*Dichtung*). Pensamos, nesse sentido, o mito aqui, como um modo de ser da linguagem. Quando falamos em linguagem, não nos referimos à linguagem instrumental como comunicação, que é uma das formas da linguagem se manifestar também na época da técnica moderna. Falamos aqui da linguagem em sua essência, da linguagem poética. Linguagem é também “Poesia” (*Dichtung*).

Nesse sentido, o mito não é somente um modo de falar de determinadas sociedades arcaicas, o mito é essencialmente o dito poético. Ele inaugura na história a decisão de um povo. Inaugura um novo tempo, uma nova compreensão de tempo e espaço em sua essência. Esta nova compreensão de tempo e espaço se manifesta na quadratura. Nela irrompe um novo conceito de tempo e de espaço. O habitar poético não vive com base na concepção moderna de tempo, um tempo cronológico, o tempo enquanto “*kronós*”. Mas, vive um tempo em toda

⁴³ Curso ministrado nos semestres de inverno e verão de 1951 e 1952 na Universidade de Freiburg.

⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. Qué significa pensar?. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005, pp.21-22.

a sua dimensão essencial, que aponta para o futuro. Assim, é um tempo enquanto “kairós” (tempo oportuno, inaugural). O tempo onde cada acontecimento é inaugural.

É importante ressaltar, nesse momento, que o conceito de “tempo” para Heidegger é fundamental. O “ser-aí” (Dasein) é no tempo. O homem é essencialmente no tempo. Isto quer dizer, que o homem é em sua essência temporal. O seu ser somente é no tempo. A compreensão do tempo é de grande importância na dimensão da filosofia de Heidegger, que mesmo após, a “virada”, Heidegger instaura a relação fundamental entre: acontecimento da verdade (Ereignis) e história (Geschichte). Assim, como a relação entre arte e tempo. Nesse aspecto, o filósofo vai pensar sobre a relação entre a arte e a época da técnica.

A partir disso, irrompe a questão primordial: para que poetas em tempos de indigência? Relacionada à essa pergunta, podemos questionar: para que poetas em tempos de fuga dos deuses? Somente a poesia pode por meio do dito poético anunciar um tempo fundamental que revela a verdade do “Ser”. É importante ressaltar que, o mito enquanto poético foi um acontecimento da história que manifestou um modo essencial do “Ser”. No entanto, na época da técnica, podemos falar ainda da existência de mito, como o mito das sociedades arcaicas? Há o mito em sua essência em tempos de indigência? Ou com o anúncio da “morte de deus” e com a fuga dos deuses não podemos mais falar em mito?

O que o mito inaugura na história mediante a palavra poética e o anúncio do sagrado permanece, mas, pode se encontrar esquecido. A tarefa fundamental ao instituir a interface “mito” e “Poesia” é pensar fundamentalmente a correspondência entre o “mito” e o “poético”. E com isso, perguntarmos pela essência da linguagem no mito. A presença da linguagem poética no mito. E para, além disso, perguntarmos pela essência do mito e os seus modos de ser na história. Essas são perguntas fundamentais para o pensamento.

Pensamento este que compreende o habitar poético, anunciado por Heidegger na quadratura. E que ressalta a importância da relação entre “Pensamento” e “Poesia”. Por isso, mediante o pensar sobre o mito, pensamos mesmo sobre a dimensão da própria “Poesia” (Dichtung). O mito faz parte do poético. A relação do “Pensamento” com a “Poesia”, convocada pela tarefa filosófica de Heidegger, é uma relação do

pensamento com toda a dimensão da “Poesia”, o que inclui, portanto, o mito. Nessa perspectiva, a relação da “Filosofia” com a “Poesia”, presente na filosofia de Heidegger, especialmente, após o seu voltar para a questão da linguagem, é, portanto, também uma relação da “Filosofia” com o “Mito”.

Tanto a filosofia quanto o poético (o que inclui o mito) instauram na história, questões fundamentais do pensamento. Podem estar separadas por um abismo, mas o que as une é o problema do “Ser”, instaurado através da questão da essência da linguagem e da essência do tempo (Dasein é o tempo). Assim, a “questão do Ser” é uma pergunta fundamental tanto para a filosofia quanto para o horizonte poético onde o mito também aparece. Ela se revela através da existência mediante a pergunta pela essência do homem e a finitude no horizonte da linguagem.

Nessa perspectiva, afirma Heidegger:

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poetar. Entre ambos, pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois “moram nas montanhas mais separadas”⁴⁵.

A questão: o que há com o Ser? Encontra-se incluída como questão prévia na questão: Por que o homem é um “ser-para-o-diálogo”? A questão prévia acaba por assumir o “status” de “questão primordial”. Pois, o homem não é sem o “Ser”. O homem é em sua diferença ontológica primordial com o “Ser”. Enquanto um ente privilegiado, somente o homem pode decidir-se por estar a caminho do “Ser”. E isto ele faz a partir da fundação da palavra. O homem nomeia as coisas e anuncia com isso o caráter poético da existência. O mito é, nesse sentido, uma ação poética. A ação do homem no tempo e no espaço, que, fundamentalmente, confere sentido ao mundo. É uma ação poética, porque é um produzir de decisões na história. Com o pensar sobre o mito como

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.40.

exposição da linguagem poética, estamos falando que a totalidade da existência histórica do homem é poética.

Afirma Heidegger:

Somos um diálogo, e isto quer dizer: podemos nos ouvir uns aos outros. Somos um diálogo, e isto vem a significar além disso: somos sempre um diálogo. A unidade do diálogo consiste, por outra parte, em que a Palavra essencial se faz patente o Um e o Mesmo onde nos unificamos, sobre o que fundamos na unanimidade, o que nos faz propriamente um mesmo. O diálogo e sua unidade suporta nossa realidade de verdade.⁴⁶

Com isso, Heidegger destaca que a “palavra” em sua essência, ou seja, a linguagem poética, deve manter constante referência à união e ao mesmo. E isto o faz na quadratura, que é a união dos quatro: céu, terra, deuses e homens. Na quadratura há a unidade do tempo; a unidade na história.

Se em “Ser em Tempo”, Heidegger anuncia que o homem é temporal, é histórico. Em “Hölderlin e a essência da Poesia”, pensando o “ser-aí” a partir da palavra, o filósofo destaca a co-pertença entre o “ser-diálogo” e o “ser-histórico” na existência. Nesse sentido, ser diálogo é ser histórico, e vice-versa.

É a partir dessa temporalidade e desse aspecto essencial da linguagem que o homem nomeia os deuses, por exemplo. E constitui a linguagem poética dos mitos. Segundo Heidegger: “Desde que a Palavra lhe aconteceu esse fato de ser diálogo vem a palavra os deuses, e aparece Mundo”.⁴⁷

Desse modo, o nomear dos deuses pode dar origem aos mitos, constituindo assim um mundo. Faz surgir um mundo. A presença dos deuses, a aparição de mundo e o acontecimento histórico da linguagem poética, são acontecimentos interligados.

Nesse contexto, no escrito de Heidegger: “Hino de Hölderlin ‘O Istro’” (1942), encontramos uma reflexão do filósofo acerca do horizonte da “Poesia e pensamento”, especialmente, na segunda parte intitulada:

⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, pp.26-27.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.27.

“A interpretação grega do homem na Antígona de Sófocles”, afirma o filósofo: “que mitologia é o ‘processo’ histórico, no qual o próprio ser poético, o pensamento no sentido do pensamento essencial está em uma relação original com a poesia”⁴⁸. A partir disso entendemos que o autor ressalta um resgatar do mito enquanto poético. Desse modo, o pensamento não é uma “desmitologização”, segundo a visão do esclarecimento. Assim, separar o pensamento do poético e mítico é não compreender a essência do pensamento.

Considerações Finais

Buscamos com esta pesquisa demonstrar a interface mito e “Poesia” no pensamento de Heidegger e Tillich, e acreditamos ser uma possibilidade de leitura interessante com base na própria definição do filósofo alemão sobre o mito presente em seu escrito “Que significa pensar?” e no que concerne a dimensão profunda da religião em Tillich. Há ainda muitos aspectos que precisam ser aprofundados, o que tornaria o texto mais longo, por isso realizamos algumas considerações seguindo um itinerário de leitura, refletido desse modo: 1) mito e existência; e 2) linguagem, mito e “Poesia”. Procuramos expor, portanto, alguns dos elementos fundamentais do significado do mito e algumas características da “Poesia” dentro do contexto do pensamento de Heidegger e Tillich.

Referências

- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. Heidegger – Vida e Obra. In: **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1999.
- _____. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- _____. **Hölderlin y la esencia de la poesía**; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994.
- _____. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. GA 53: Hölderlins Hymne >Der Ister<, (Sommersemester 1942), hg. v. Walter Biemel, 1984, p.139.

_____. **GA 53: Hölderlins Hymne >Der Ister<**, (Sommersemester 1942), hg. v. Walter Biemel, 1984.

_____. **Qué significa pensar?** Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005.

_____. Para que poetas? In: HEIDEGGER, Martin. **Sendas perdidas: Holzwege**. Tradução de Jose Rovira Armengol. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1979, p.222.

_____. **Hinos de Hölderlin**. Tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004

MASON, Antony. **Coleção arte ao redor do mundo: no tempo de Michelangelo**. São Paulo: Callis, 2004.

_____. **Carta Sobre o Humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega**. 3. Ed. Porto Alegre, RS: ediPUCRS, 2012.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. **Teologia da cultura**. Trad. da 18ª ed. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. **Teología de la cultura y otros ensayos**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1974.

_____. **Dinâmica da Fé**. 3a ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TUTIKIAN, Cristiano. (Org.). **Olhares sobre o público e o privado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.